

GT N° 26 (IDENTIDADES URBANAS, LUGARES E MEMÓRIAS)

**TIRADENTES CULTURAL: SOCIABILIDADE E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL
NA PRAÇA TIRADENTES**

*Sílvia Borges Corrêa**

Resumen:

Com uma história que alterna períodos de efervescência social, de decadência econômica e de renascimento cultural, a Praça Tiradentes é campo para o entendimento das diferentes formas de apropriação e de utilização dos espaços, das múltiplas relações sociais que são tecidas e das forças de articulação que estão presentes em um espaço público localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro. Este trabalho investiga a “ocupação” Tiradentes Cultural, que, desde 2015, acontece no primeiro sábado de cada mês, e busca refletir sobre o papel das atividades artísticas e criativas promovidas pela “ocupação” como indutoras do processo de transformação da Praça Tiradentes e do desenvolvimento territorial do seu entorno, que conta com a presença de diversos espaços e centros culturais. Através de trabalho de campo que conjuga etnografia e *survey*, procura-se entender a sociabilidade e as dinâmicas culturais, sociais e econômicas que têm lugar durante os sábados de Tiradentes Cultural.

Palabras Clave: Praça Tiradentes, Sociabilidades, Território, Espaço público.

*Doutora em Ciências Sociais pelo PPCIS/UERJ. Professora Titular do Mestrado em Gestão da Economia Criativa da ESPM Rio. silborgesc@gmail.com – sborges@espm.br

Introdução

Este artigo apresenta as primeiras reflexões sobre a pesquisa, ainda em desenvolvimento, intitulada “As oportunidades e os limites das atividades culturais e criativas na Praça Tiradentes como indutoras do desenvolvimento territorial”, realizada no âmbito de uma parceria entre o LEC-Laboratório de Economia Criativa, Desenvolvimento e Território, vinculado ao Mestrado em Gestão da Economia Criativa da ESPM Rio, e o IRPH-Instituto Rio Patrimônio da Humanidade, órgão da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro¹. Em linhas gerais, a pesquisa investiga o papel das atividades culturais e criativas no processo de reestruturação da Praça Tiradentes, procurando identificar o impacto e o potencial dessas atividades no tecido urbano. Iniciada em abril de 2017, na primeira fase a pesquisa tem como eixo central a Tiradentes Cultural, “ocupação” que acontece na Praça Tiradentes, há pouco mais de dois anos, todo o primeiro sábados no mês, no horário entre 13h e 20 h. Este trabalho representa, portanto, o primeiro esforço no sentido de sistematizar as informações coletadas ao longo de seis meses da pesquisa que está sendo conduzida a partir de um trabalho de campo que conjuga etnografia e *survey*, e cujo objetivo geral é descrever e analisar a sociabilidade e as dinâmicas culturais, sociais e econômicas que têm lugar durante os sábados de Tiradentes Cultural.

Praça Tiradentes: atividades culturais no contexto de transformações urbanas

Localizada na região central da cidade do Rio de Janeiro, a Praça Tiradentes – que recebeu esse nome na última década do século XIX, mas que já foi conhecida como Largo do Rossio e Praça da Constituição – guarda parte importante da história da urbanização e das atividades culturais, sociais e econômicas do Rio. Local de comércio, serviços e moradia, o seu papel de polo cultural da cidade remonta àquele século: “Desde a segunda metade do século XIX até a primeira metade do século XX, os teatros, os cafés, livrarias, cinemas e estações do Bonde produziram grande atividade e centralidade na Praça Tiradentes e seu entorno.” (Garro, 2011, p. 18) É também desde o século XIX que a Praça representa um ponto importante no sistema de transportes da cidade, pois no final daquele século recebeu os terminais de várias linhas de bonde (IPHAN, 2007).

¹ No mês de julho de 2012, o Rio de Janeiro se tornou a primeira cidade do mundo a se candidatar e a receber da UNESCO o título de patrimônio da humanidade como paisagem cultural urbana. Em dezembro daquele mesmo ano, foi criado, pela Lei Municipal Nº. 5.547, de 27/12/2012, o IRPH, órgão ligado ao Gabinete do Prefeito do Rio de Janeiro, que tem como principal função gerir o sítio reconhecido pela UNESCO.

No século XX, no entanto, a Praça Tiradentes viveu um processo de esvaziamento cultural, que se deu de maneira geral no centro histórico da cidade, mas que ali deixou marcas visíveis na degradação da Praça e do seu entorno.

A Praça Tiradentes, na década de 1950, ainda centralizava o lazer da cidade com as atividades dos teatros, cafés e bares, além de casas noturnas de espetáculo e samba, e alguns cinemas. Ela foi perdendo a sua centralidade para novas centralidades, bem próximas, como a Cinelândia e a Praça Mauá e, posteriormente, para a área da Zona Sul nos anos 60. (Garro, 2011, p. 23)

Além desse esvaziamento cultural, que nunca foi total, pois vários espaços de lazer ali se mantiveram ao longo das décadas, durante anos a Praça Tiradentes passou a ser vista por muitos cariocas como um lugar perigoso a ser evitado. A partir do final dos anos 1990, projetos de revitalização começam a ser pensados para a região da Praça, com destaque para o *Programa Monumenta*, um programa do Ministério da Cultura para recuperação do patrimônio histórico brasileiro, que se fez presente com o *Projeto de Revitalização da Praça Tiradentes e Arredores*, uma parceria entre a Prefeitura e organizações privadas, e cujo marco de implementação foi o ano de 2005.

Garro (2011) faz uma avaliação bastante crítica do modelo global para projetos de revitalização; modelo que, segundo o autor, caracteriza o Programa Monumenta e que é baseado na promoção de atividades econômicas, notadamente ligadas a comércio e serviços, e de atividades turísticas, mas que são planejados e executados com pouco ou nenhum diálogo e estímulo à participação dos antigos ocupantes das áreas revitalizadas. O autor destaca, entretanto, que na Praça Tiradentes “o comércio possui uma classe muito bem representada que, inclusive, se cria a partir de lutas contra os planos urbanísticos. Outro grupo forte é a comunidade artística, bem ativa e representada, mas o restante das pessoas não tem muita representatividade.” (Garro, 2011, p. 3)

Cabe aqui um breve parêntese sobre as questões da chamada “revitalização urbana”. Processos de desindustrialização (Harvey, 2001, 2014), de estetização da vida cotidiana e de gentrificação (Feathestone, 1995) e de intervenções urbanas (Leite, 2006) têm, nas últimas três décadas, transformado regiões, cidades e bairros ao redor do mundo. Investigar o tema das transformações urbanas, em particular daquelas transformações originadas ou intensificadas a partir de processos ou projetos de “revitalização”, implica compreender processos que têm potencial de gerar mudanças nos tecidos sociais e nas dinâmicas urbanas das adjacências. Leite (2006) aponta para a questão de que, em processos de intervenção urbana, “os usos dos espaços incidem sobre as formas de

representação cotidiana e dos modos de vida urbana”, representações que “dependem das possibilidades de acesso e uso físico ou simbólico do espaço e, inversamente, tendem a moldar as configurações sociais desses espaços, atribuindo-lhes forma e sentido” (Leite, 2016, p. 23). Mais amplamente, na perspectiva de “uma reflexão mais geral sobre o fenômeno urbano contemporâneo” (Velho, 1999, p. 10) e de “pensar as cidades e suas dimensões territoriais” (Frúgoli Jr.; Andrade; Peixoto, 2006, p. 11), os agentes que povoam os espaços urbanos constroem e revelam imaginários sobre as cidades, que “devem ser compreendidas a partir de seus quadros sócio-históricos particulares, sem deixarem de ser vistas, no entanto, também como expressão, produtos e produtoras de processos mais amplos de dimensão internacional.” (Velho, 1999, p. 10). Essa perspectiva, inevitavelmente, remete às reflexões de Harvey (2014) sobre a cidade – “A cidade é o lugar onde pessoas de todos os tipos e classes se misturam, ainda que relutante e conflituosamente, para produzir uma vida em comum, embora perpetuamente mutável e transitória” (Harvey, 2014, p. 134) – e sobre o direito à cidade:

a questão do tipo de cidade que queremos não pode ser separada da questão do tipo de pessoas que queremos ser, que tipos de relações sociais buscamos, que relações com a natureza nos satisfazem mais, que estilo de vida desejamos levar, quais são nossos valores estéticos. O direito à cidade é, portanto, muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos. (Harvey, 2014, p. 28).

Fechado o parêntese sobre as críticas e as questões relativas a processos e projetos de “revitalização” urbana, nota-se que, no século XXI, novas atividades culturais e criativas passam a dar o tom da Praça Tiradentes.

Hoje, ao contrário do século passado (século XX), a Praça Tiradentes mostra diversas atividades artísticas e, ao contrário das anteriores ligadas às Artes Cênicas possuía [sic] Música, observa-se a presença de diversas galerias de arte como a Oficina de Arte Maria Teresa Vieira, o Centro de Arte Hélio Oiticica, a Galeria Gentil Carioca, Durex Galeria de Arte, Centro de Artesanato Brasileiro do SEBRAE, um espaço de exposição no Hotel Paris (recentemente fechado) e o RioDesign Carioca, na antiga casa de Bidu Sayão. (Garro, 2011, p. 26)

A Tiradentes Cultural

Entre os meses de abril e outubro de 2017, frequentei a Praça Tiradentes no primeiro sábado de cada mês para observar a Tiradentes Cultural. Além da frequência à praça, acompanhei também a página do Facebook, onde é possível encontrar informações sobre a “ocupação”, termo utilizado pelos

organizadores para nomear e descrever a Tiradentes Cultural. Em sua página do Facebook, encontra-se a seguinte descrição:

A TIRADENTES CULTURAL é uma ação da REDE TIRADENTES CULTURAL. A Rede Tiradentes Cultural é formada pelos Espaços Culturais, Instituições e Empresas que estão no entorno da Praça TIRADENTES. A ocupação na praça é formada por FEIRA GASTRONÔMICA + PROGRAMAÇÃO CULTURAL. (Tiradentes Cultural, 2017)

A partir de outra postagem, sabe-se que esses espaços culturais, instituições e empresas são: A Gentil Carioca; Casa do Choro; Centro Carioca de Design; Centro Cultural Carioca (CCD); Centro de Arte Maria Teresa Vieira; Centro Municipal de Arte Helio Oiticica; Centro de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB); Despina; Escola de Música Villa Lobos; Galeria Scenarium; IFCS/UFRJ; Polo Novo Rio Antigo; Refeitório RJ; Studio X; Teatro do SAARA; Teatro João Caetano. (Tiradentes Cultural, 2017).

Desde o primeiro mês da pesquisa, passei a seguir a página do Facebook, que, atualmente, é seguida por mais de 10.300 pessoas, e foi ali que acompanhei as postagens que convidavam para as “ocupações” mensais, apresentando suas programações, as postagens que exibiam fotos e vídeos das atividades realizadas (principalmente dos shows, das oficinas e das rodas de debates), e também as postagens de outros seguidores da página, que ali manifestavam suas ideias, elogios e críticas sobre a Tiradentes Cultural.

Se em abril eu havia ido à Tiradentes Cultural sozinha, em um primeira incursão ao campo, no mês seguinte realizei a observação acompanhada de quatro alunos da graduação, com os quais circulei pela praça e arredores, podendo com eles compartilhar impressões e descobertas. Em meu diário de campo, além da anotação de que era a primeira vez da maioria dos alunos naquela região da Praça Tiradentes, alguns fragmentos me recordam as observações iniciais que registrei:

Dia 6 de maio. Por volta de 13h45 partimos da ESPM e, em aproximadamente 15 minutos de caminhada, chegamos à Praça Tiradentes, que é facilmente acessada através de transporte público (ônibus, metrô e VLT). Nosso objetivo era fazer um reconhecimento do local, um primeiro exercício de observação, já que no próximo evento, em junho, realizaremos outro trabalho de campo relativo à pesquisa quantitativa, com aplicação questionários (...). Ao chegarmos à Praça Tiradentes, visitamos o Centro Carioca de Design/Studio X e o CRAB-Centro de Referência do Artesanato Brasileiro. Visitamos também as Ruínas, pequena feira de artesanato localizada em um prédio abandonado, ao lado do CRAB. (...) Pouco antes de irmos embora, por volta das 16 horas, visitamos o Centro Helio Oiticica. Foi possível perceber que os três espaços culturais estavam quase sem visitantes. Na verdade, o CRAB estava mesmo mais movimentado do que os outros dois, estes sim praticamente vazios. Nem mesmo a ação de pintura (grafite) em uma parede em frente ao Helio Oiticica parecia atrair interessados em observar os dois artistas

que cobriam a parede de cores e formas. (...) De volta à praça, pelo anúncio feito no microfone, ficamos sabendo que se tratava da 20ª edição da "ocupação" da praça. Era, portanto, uma edição de aniversário. Na tenda do palco, Paula, que falava ao microfone e que portava crachá que a identificava com alguém da organização do evento, lembrava que a Rede Tiradentes Cultural existe há mais tempo, mas que a "ocupação" existe há 2 anos, sendo a sua primeira edição realizada em maio de 2015.

Figura 1 – Praça Tiradentes em dia de Tiradentes cultural



Fonte: Corrêa, 2017

Figura 2 – Tenda central e tenda do palco ao fundo



Fonte: Corrêa, 2017

Figuras 3 e 4 – Tenda do palco



Fonte: Corrêa, 2017



Fonte: Corrêa, 2017

Figura 5 e 6 – Barracas de alimentação (feira gastronômica)



Fonte: Corrêa, 2017



Fonte: Corrêa, 2017

Como se vê nas Figuras 1 a 6 (acima), nos dias de Tiradentes Cultural a praça é ocupada por uma grande tenda na parte central, por uma tenda menor onde é montado um palco para as apresentações, debates e shows, e por barracas de alimentação.

Durante a “ocupação” acontecem algumas atividades programadas, então, além da feira gastronômica, com suas barracas que oferecem hambúrgueres gourmets, cervejas artesanais, comidas árabe, comida vegetariana, sanduíches, doces e salgados variados, etc., as pessoas podem participar de debates, de contação de histórias, oficinas e intervenções artísticas. A programação costuma ter um tema central a partir do qual as atividades e atrações são pensadas. Em junho, a Tiradentes Cultural teve sua festa junina; em agosto, com o slogan “Rio 2016+1: onde estamos e para onde vamos”, discutiu-se o legado da Olimpíada do Rio; em setembro, uma edição que, inspirada na Bienal do Livro, teve uma feira de arte impressa; em outubro, a edição do dia das crianças, com atividades voltadas para o público infantil. Em todos sábados em que o trabalho de campo foi realizado, observou-se que a feira gastronômica é muito concorrida, com filas em

algumas barracas, e é o que atrai muitos frequentadores. Os shows, que têm início a partir de 18h30/19h, são o ponto alto e encerram a “ocupação”, por volta das 20h.

Tanto no primeiro como nos demais sábados, foi possível perceber certa heterogeneidade de frequentadores: famílias, grupos de amigos, pessoas circulando sozinhas, jovens, adultos, idosos e (poucas) crianças. O visual dos frequentadores era despojado, com uso de roupas casuais, e comportamento bastante informal, com uma circulação tranquila, despreocupada e de muitas conversas e interação. Como se trata de uma praça aberta, um espaço público sem restrições à entrada, também circulavam no local pessoas não diretamente ligadas à “ocupação”, e que ali estavam para trabalhar na venda mercadorias, principalmente alimentos e bebidas mais simples e baratos do que aqueles oferecidos nas barracas da feira gastronômica, e outras pessoas que pareciam ser moradoras de rua. Essa viria a ser uma das questões centrais do *survey*: quem são os frequentadores da Tiradentes Cultural?

O *survey*² foi realizado nos eventos que aconteceram os meses de junho a outubro, com a participação de um grupo de alunos de graduação, alguns dos quais haviam me acompanhado na minha segunda ida à Tiradentes Cultural. Esse grupo ficou responsável pela aplicação dos questionários entre os frequentadores. Seus objetivos principais eram:

- ✓ Identificar os perfis do público frequentador da Tiradentes Cultural
- ✓ Avaliar a percepção do público sobre a Tiradentes Cultural e sobre os estabelecimentos culturais e criativos localizados na Praça Tiradentes
- ✓ Avaliar o impacto da Tiradentes Cultural na frequência dos estabelecimentos culturais e criativos localizados na Praça Tiradentes.

Os resultados preliminares do *survey*³ apontam as seguintes questões:

- As pessoas que frequentam a Tiradentes Cultural são moradores de diversos bairros da cidade, da zona norte à zona sul, passando pelo centro, zona oeste e bairros do subúrbio, além de moradores de outras cidades. Não se observa uma predominância de uma zona ou de um bairro.
- A maioria é mulher (60%)

² Além dos alunos de graduação, Lara, Karina, Jean, Luiza, Christal, Raphael, Amanda, Matheus, Yasmin, Thairiny, Celma, participaram também do *survey* uma aluna do mestrado, Sandra, o professor Diogo Robaina, responsável pela tabulação e visualização dos dados, e o professor João Figueiredo, coordenador do LEC-Laboratório de Economia Criativa.

³ Os dados apresentados neste artigo ainda não incluem os questionários aplicados no mês de outubro e, por isto, ainda são preliminares.

- 74% são solteiros
- 64% têm nível superior completo (somadas graduação e pós-graduação)
- Com relação à ocupação/atividade dos frequentadores, 42% são empregados (assalariados) e 16% são estudantes (sendo 14% universitários)
- Sobre atividades culturais que mais frequentam: cinema (27%), shows (22%) e eventos gastronômicos (17%)
- Os principais motivos de frequentarem a Tiradentes Cultural são a gastronomia (23%), as atividades culturais e artísticas (20%) e o ambiente da praça (17%)
- A maioria vai acompanhada de amigos (43%), de familiares (16%) ou de namorado(a) (14%). 10% vão sozinhos
- 39% estavam lá pela primeira vez; mesmo percentual daqueles que frequentam a Tiradentes Cultural todos os meses
- 55% ficam entre 1 e 3 horas na Tiradentes Cultural
- Sobre os gastos individuais que são feitos na Tiradentes Cultural, 35% gastam mais de R\$ 60,00. 27% gastam entre R\$ 40,00 e R\$60,00 e outros 27% gastam entre R\$ 20,00 e R\$ 40,00
- Os meios de transporte mais usados para chegar à Tiradentes são ônibus e metrô
- A programação da Tiradentes Cultural é conhecida através das redes sociais (39%) e dos amigos e familiares (33%)
- A maioria (77%) aproveita a ida à Tiradentes Cultural para fazer outros programas nos arredores da Praça, especialmente ir à Feira do Lavradio⁴, mas a frequência aos equipamentos culturais do entorno, como o CRAB, o Centro De Artes Hélio Oiticica, o Real Gabinete Portuguez, os Teatros Carlos Gomes e João Caetano, as Galerias Gentil Carioca e Despina, que ficam na própria Praça Tiradentes ou a apenas alguns passos dela, é muito baixo (o máximo de 7%)
- Shows musicais (34%), oficinas de arte (14%) e peças de teatro (14%) são as principais atrações que os frequentadores gostariam de ver na Tiradentes Cultural.
- As avaliações que os frequentadores fazem da Tiradentes Cultural é muito boa, no geral. 98% consideram a experiência boa ou muito boa e o mesmo percentual de pessoas

⁴ Popularmente conhecida como Feira do Lavradio, a Feira Rio Antigo, é uma já tradicional feira de antiguidades e artesanato que também acontece no primeiro sábado do mês, na Rua do Lavradio, que fica a poucos metros da Praça Tiradentes. Na Rua do Lavradio, além do casario histórico, existem vários bares e restaurantes que atraem muitos frequentadores, cariocas e turistas (nacionais e estrangeiros).

recomendaria a Tiradentes Culturais para outras pessoas. As piores avaliações ficam por conta dos preços das comidas vendidas, das mesas e cadeiras da área de alimentação e dos banheiros. A programação cultural recebeu nota média de 8,5 (em uma escala de 1 a 10).

Os resultados do *survey* reforçam muitas das observações que realizei durante as “ocupações” de abril a setembro, especialmente de que a feira gastronômica e os shows musicais são principais elementos de atração de muitos frequentadores, mas as atividades culturais da programação também são importantes. As pessoas gostam da Tiradentes Cultural e muitas estão presente em várias edições da “ocupação”. No entanto, o conhecimento sobre e a frequência aos equipamentos culturais do entorno é baixo.

A pesquisa que segue...

Como procurei explicitar ao longo do texto, este artigo apresenta resultados preliminares e reflexões iniciais da pesquisa que encontra-se ainda em andamento e cujo próximo passo é o contato direto com gestores dos equipamentos culturais da Praça Tiradentes e adjacências, a fim de que se possa conhecer e compreender os desafios e o potencial de impacto no tecido social, não só da Tiradentes Cultural, mas também de outras atividades e dinâmicas culturais e criativas em curso na região da Praça Tiradentes.

Referências

- Garro, J.A.A. (2011). *Uma escuta sobre o Programa Monumenta na Praça Tiradentes do Rio de Janeiro*. 2001. 196 f. Dissertação (Mestrado). Programa em Pós-graduação em Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Featherstone, M. (1995). *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo, Brasil: Studio Nobel.
- Frúgoli Jr, H.; Andrade, L. T.; Peixoto, F. A. (org.) (2006). *As cidades e seus agentes: práticas e representações*. Belo Horizonte, Brasil: PUC Minas/Edusp.
- Harvey, D. (2001). *Condição pós-moderna*. São Paulo, Brasil: Edições Loyola.
- _____. (2014). *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo, Brasil: Martins Fontes.

IPHAN-Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (2007). Praça Tiradentes. Calendário Cultural. Rio de Janeiro, RJ – Brasília, DF: IPHAN/Programa Monumenta.

Leite, R. P. Margens do dissenso: espaço, poder e enobrecimento urbano. (2006). In: FRÚGOLI JR, H.; Andrade, L. T.; Peixoto, F. A. (org.). *As cidades e seus agentes: práticas e representações*. Belo Horizonte, Brasil: PUC Minas/Edusp,.

Tiradentes Cultural (2017). “Tiradentes cultural adicionou um evento”. 21 out. 2017. Post do Facebook. Disponível em <<https://www.facebook.com/tiradentescultural/>>. Acesso em: 22 out. 2017.

VELHO, G. (org.) (1999). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.